



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
TECNOLOGIA, INFRAESTRUTURA E
TERRITÓRIO (ILATIT)**

GEOGRAFIA - LICENCIATURA

**MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA INDIGENA AVÁ-
GUARANI EM FORMAÇÃO INICIAL
MANDU'A PETEÎ MBO'EHÀRA AVA OMOÑEPYRÜVA
PE TEKOMBO'E.**

Elma Júlia Tataendy Martines

Foz do Iguaçu
2025

**MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA INDIGENA AVÁ-GUARANI EM
FORMAÇÃO INICIAL
MANDU'A PETEÎ MBO'EHÀRA AVA OMOÑEPYRÜVA PE
TEKOMBO'E.**

Elma Júlia Tataendy Martines

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Léia Aparecida Veiga

Foz do Iguaçu
2025

ELMA JÚLIA TATAENDY MARTINES

**MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA INDIGENA AVÁ-GUARANI EM
FORMAÇÃO INICIAL
MANDU'A PETEÎ MBO'EHÀRA AVA OMOÑEPYRÛVA PE
TEKOMBO'E.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Geografia.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Léia Aparecida Veiga
UNILA

Profa. Dra. Juliana Franzi
UNILA

Prof. Dra. Lorraine Gomes da Silva
UEG (Campus Cora Coralina)

Foz do Iguaçu, 10 de março de 2025.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): Elma Júlia Tataendy Martines

Curso: Geografia - Licenciatura

Tipo de Documento

- | | |
|---|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> graduação | <input checked="" type="checkbox"/> artigo |
| <input type="checkbox"/> especialização | <input type="checkbox"/> trabalho de conclusão de curso |
| <input type="checkbox"/> mestrado | <input type="checkbox"/> monografia |
| <input type="checkbox"/> doutorado | <input type="checkbox"/> dissertação |
| | <input type="checkbox"/> tese |
| | <input type="checkbox"/> CD/DVD – obras audiovisuais |

Título do trabalho acadêmico: **Memórias de uma Professora Indígena Avá-Guarani em Formação Inicial**

Nome do orientador(a): Dra. Léia Aparecida Veiga

Data da Defesa: 10/03/25

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons* **Licença 3.0 Unported**.

Foz do Iguaçu, 11 de março de 2025_.

Assinatura do Responsável

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Ñanderu (Deus), por ser a força e a luz que guia meus passos e me dá forças para seguir nos momentos de dificuldade. Sem Sua presença constante em minha vida, nada disso seria possível.

À minha mãe Delmira e meu pai Luiz, pelo amor e por todo o apoio incondicional que me ofereceram ao longo desta jornada. À minha família, pelo carinho e incentivo, que sempre me deram segurança para persistir nos meus sonhos e nunca desistir.

Aos meus amigos e colegas de trabalho, que me apoiaram e compreenderam nos momentos de ausência e, com suas palavras de incentivo, para cada dia de trabalho e estudos.

À minha comunidade indígena Tekoha Ocoy, que amo tanto e me permitiu aprender e compartilhar experiências, sou profundamente grata, trazendo sentido ao que busco construir com este trabalho.

À minha orientadora professora Dra. Léia Aparecida Veiga, que, com sua orientação e sabedoria, me guiou e incentivou durante todo o processo. Sua dedicação, respeito e paciência foram fundamentais para a realização deste trabalho que velarei no meu coração.

A todos, meus sinceros agradecimentos. Este trabalho é também fruto de cada um com sua contribuição e apoio recebido ao longo do caminho.

Aguyjevete a todos

RESUMO

MARTINES, Elma Júlia Tataendy. **MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA INDÍGENA AVÁ-GUARANI EM FORMAÇÃO INICIAL**. 2025. 28 f. Trabalho de conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia). Curso de Geografia, licenciatura. Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território (ILATIT), Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), 2025.

O período da graduação em licenciatura, reconhecido como formação inicial de professores é um momento importante para a formação docente, mas não é o único. Isso porque o/a professor/a não-indígena e indígena não apreende o ofício somente ao ingressar nos cursos de licenciatura, ou seja, os saberes, as experiências e as referências adquiridas anteriormente ao ingresso na universidade sobre o que é ser professor, o que é uma aula e a prática educativa também irão compor o universo de formação do/a futuro/a professor/a. Principalmente para os povos indígenas, que não concebem uma separação entre o conhecimento ancestral contado oralmente pelos sujeitos mais idosos e os conhecimentos científicos produzidos por não indígenas, ambos são importantes. Assim, além da universidade, fui aprendendo o significado de ser professora com meus pais e os demais indígenas com quem convivo cotidianamente no território do Ocoy, localizado em São Miguel do Iguaçu, distante de Foz de Iguaçu 75 km. É nesse contexto que se encontra a questão norteadora da pesquisa: quais os saberes e experiências construídas na Terra Indígena Tekohá Ocoy antes do ingresso na graduação contribuíram para a minha formação docente? Tendo por base a autobiografia como uma forma de resgatar os saberes, experiências e relações que contribuem na formação do futuro professor e o método (auto) biográfico, defini como objetivo geral lembrar de forma reflexiva a minha trajetória enquanto estudante indígena, destacando elementos que me ajudam a refletir sobre a minha formação docente. Conclui-se que o processo de formação do futuro professor ocorre a partir das relações sociais estabelecidas junto aos grupos sociais de vivência, no ambiente escolar e na graduação, indo ao encontro da ideia postulada por Paulo Freire, que defendia que o sujeito se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática.

Palavras-chave: Formação Docente; Método (auto) biográfico; Avá-Guarani; Licenciatura em Geografia.

MOMBYKYKUE

Pe ára pehê mbo'esyryva, ojehechakuaáva mbo'ehára ñembokatupyry ñepyrũrã ramo, ha'e peteĩ momento omomba'eteve mbo'ehára ñembokatupyryrã, ha katu ndaha'ei ha'eño. Péva mbo'ehára ndaha'éiva ava ha ava ndoikuaáigui tembiapo oike jave oñearanduaja añoite, upéva he'ise umi mba'ekuaa, aranduka aty ha referencia ojuhupytýva oike mboyve universidad-pe mba'épa he'ise mbo'ehára ramo, mba'épa peteĩ mbo'ehaokoty ha apomeme tekombó'ereheguare omoheñoíta pe katupyry mbo'ehárã. Umi avakuérape ,pe arandu umi ypykue omombe'úva ayvupente ah arandu científico omoheñoíva ndaha'éiva avakuéra , mokõivéva tuicha mba'e. Péicha, mbo'ehaoguasupe há avei , ojeporeka oikuaa mba'épa he'ise mbo'ehára ituvakuéragui ha ambue avakuéragui ndive oikóva ára ha ára Tekoha Ocoy, opytáva São Miguel do Iguaçu, 75 km Foz de Iguaçu-gui. Ko ñe'endape ojejuhu pe porandu sambyhy kuaaha'ãhara rehegua: mba'e mba'ekuaa ha tembiasa oñemopu'áva'ekue Tekoha ava, Tekohá Ocoy-pe jeike mboyve mbo'ehaoguasúpe oipytyvõ che mbo'epy ñembokatupyryrã? Oñepyrũvo autobiografía ha'éva peteĩ tape oñemoinngove haguã umi mba'ekuaa, tembiasa ha oipytyvõva mbo'ehárã ha mba'éichava'erã (auto)biográfico, jehupy tyseva'erã roheka rohechauka temiandurupi rembiasarupi jeporekarupi temimbo'e avaramo, omomba'eguasúvo oipytyvõva ojepy'amongeta mbo'ehára ñembokatupyry rehe. Oñemohu'ã pe tembiasa mbo'ehárã katupyry oikóva umi jeiko oñondivepa omopyendáva aty guasu ndive, há pe mbo'ehaopeomba'apovareve ha ñemoraranduaja aja, ombohapéva pe ñamindu'urã ñe'êapysakã Paulo Freire, omantenéva pe tapicha oñembokatupyryva tapyaité apomemepe ha oñamindu'u haãguarehe.pe apomemre.

Ñe'ê tenondegua: Mbo'ehára Ñembokatupyry; rehegua; Yvyrekombó'e.

RESUMEN

El período de graduación, reconocido como formación inicial docente, es un momento importante para la formación docente, pero no es el único. Esto se debe a que el docente no indígena e indígena no aprende el oficio sólo al ingresar a las carreras de grado, es decir, los conocimientos, experiencias y referencias adquiridas previo a ingresar a la universidad sobre lo que significa ser docente, qué es una clase y la práctica educativa conformarán también el universo de formación del futuro docente. Principalmente para los pueblos indígenas, que no conciben una separación entre el conocimiento ancestral contado oralmente por sujetos mayores y el conocimiento científico producido por pueblos no indígenas, ambos son importantes. Así, además de la universidad, aprendí el significado de ser docente con mis padres y los demás indígenas con los que convivo diariamente en el territorio de Ocoy, ubicado en São Miguel do Iguaçú, a 75 km de Foz de Iguaçú. Es en este contexto que se encuentra la pregunta rectora de la investigación: ¿qué conocimientos y experiencias construidas en la Tierra Indígena Tekohá Ocoy antes de ingresar a la carrera de pregrado contribuyeron a mi formación docente? A partir de la autobiografía como forma de recuperar los conocimientos, experiencias y relaciones que contribuyen a la formación de los futuros docentes y el método (auto)biográfico, definí el objetivo general de recordar reflexivamente mi trayectoria como estudiante indígena, destacando elementos que me ayuden a reflexionar sobre mi formación docente. Se concluye que el proceso de formación del futuro docente ocurre a partir de las relaciones sociales que se establecen con los grupos sociales, en el ambiente escolar y durante la graduación, atendiendo a la idea postulada por Paulo Freire, quien sostuvo que el sujeto se forma como educador permanentemente en la práctica y en la reflexión sobre la práctica.

Palabras clave: Formación de Profesores; método (auto)biográfico; avá-guaraní; Licenciatura en Geografía.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1	Localização da Terra Indígena Tekohá Ocoy	10
Figura 2	Em destaque brincadeiras realizadas com as crianças indígenas no território Ocoy.....	15
Figura 3	Localização da Terra Indígena Tekohá Ocoy	10
Quadro 1.	Brincadeiras realizadas durante a infância no território Ocoy	15

SUMÁRIO

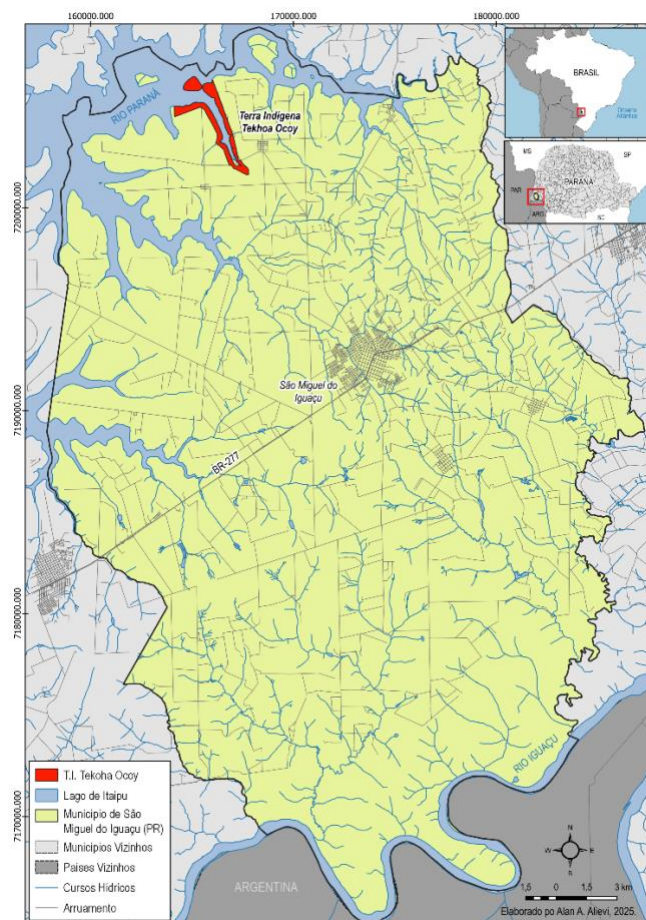
1	INTRODUÇÃO	10
2	A EDUCAÇÃO NO TERRITÓRIO OCOY EM SÃO MIGUEL DO IGUAÇÚ/PR	13
3	A TERRA INDÍGENA E A ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA TEKO ÑEMOINGO: VIVÊNCIAS CONSTRUÍDAS.....	16
3.1	MINHA TERRA INDÍGENA TEKOKHA OCOY	16
3.2	DA INFÂNCIA AOS TEMPOS DE ESCOLARIZAÇÃO	18
3.3	A MINHA VIVÊNCIA COMO PROFESSORA DE ALFABETIZAÇÃO NA LÍNGUA MÃE E NO 6 ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II	23
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
	REFERÊNCIAS	28

INTRODUÇÃO

Ao iniciar esse texto, tomo a liberdade de escrever em primeira pessoa, por ser esta forma de escrita a que melhor expressa minhas vivências e aprendizados, como mulher, filha, neta, esposa, mãe, indígena bilingue e alfabetizadora na língua mãe (Avá Guarani), estudante no curso de Geografia licenciatura da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, mas que já atua em aulas de Geografia junto a turmas de 6 anos na escola indígena do Ocoy.

Para nós, povo avá-guarani, localizado na Terra Indígena Tekohá Ocoy (figura 1), a EDUCAÇÃO já vem de casa. Isso poque cada sujeito indígena é educado por todos da Tekohas, os pais e demais indígenas são envolvidos e ajudam na educação da criança indígena. Isso se chama Educação Tradicional Indígena, que nada mais é que uma etapa na qual a criança vive e convive com a comunidade em seu cotidiano, tendo o seu momento de viver como criança e desfrutar do mesmo.

Figura 1. Localização da Terra Indígena Tekohá Ocoy



Fonte: IBGE, 2015.

Por outro lado, a Escola é um complemento que para os indígenas é o lugar onde a criança será alfabetizada, em duas línguas, no caso o Guarani e a Língua Portuguesa. Assim como aprender novos conhecimentos, como os indígenas/Guarani e os não indígenas, no caso deste último seriam os conhecimentos escolares dos sujeitos não indígenas.

É nesse sentido, que compreendo que me tornar, ser professor/a não é algo pronto e acabado com o término do curso superior em licenciatura. Isso porque se trata de um ofício que está em constante formação e sempre apreendendo em seus diferentes círculos de convivência no território indígena e não-indígena bem como nos cursos voltados para esse fim pedagógico e no cotidiano da escola indígena.

Essa nossa forma de pensar, aproxima-se do pensar de Paulo Freire, que apontou o professor como um sujeito em constante aprendizado, afirmando que [...] “ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática” (Freire, 1991, p. 58). Silva de Jesus e Moura (2016, p. s/p) nesta mesma perspectiva destacam que a formação docente “[...] não se limita à oferta de saberes historicamente acumulados ao longo do tempo, mas é preciso também proporcionar experiências que façam emergir outros saberes adquiridos fora da sala de aula, os quais podem corresponder a momentos anteriores à formação”.

Portanto, a formação inicial do/a professor/a não-indígena e indígena não ocorre somente ao ingressar nos cursos de licenciatura, iniciando-se antes da decisão pela profissão, ou seja, os saberes, as experiências e as referências adquiridas anteriormente ao ingresso na universidade sobre o que é ser professor, o que é uma aula e a prática educativa também irão compor o universo de formação do/a futuro/a professor/a. Principalmente para os povos indígenas, que não concebem uma separação entre o conhecimento ancestral contado oralmente pelos sujeitos mais idosos e os conhecimentos científicos produzidos por não indígenas, ambos são importantes.

Isso fui aprendendo com meus pais e os demais indígenas que tenho convivido cotidianamente no território do Ocoy, localizado em São Miguel do Iguacu, distante de Foz de Iguacu aproximadamente 75 km.

No decorrer de minha vida como filha, mãe, esposa, estudante no ensino básico e na graduação em Geografia na UNILA bem como ao atuar na alfabetização de crianças na língua Avá-Guarani, nossa língua mãe, fui me tornando professora, apreendendo saberes necessários para o ofício de minha profissão na escola indígena. Minha formação docente está totalmente entrelaçada com as experiências que vivi no território Ocoy, na escola indígena e na formação

no ensino superior.

Mas dentre tudo o que experienciei, tem um momento no qual entendi a diferença entre ter aulas com um professor Avá-Guarani e um professor não indígena. Isso marcou minha vida de estudante e, agora, me tornando professora, ao buscar nas minhas memórias as vivências na terra indígena e também na universidade, busco responder a seguinte pergunta: quais os saberes e experiências construídas na Terra Indígena Tekohá Ocoy antes do ingresso na graduação contribuíram para a minha formação docente?

Nesta pesquisa elegi a autobiografia como uma forma de resgatar esses saberes, experiências e relações que contribuem na formação do futuro professor. É uma atividade que leva o sujeito a refletir sobre sua formação docente. Para Portugal (2013, p. 228), o método (auto) biográfico é [...] “Um modo subjetivo de pensar as escritas sobre as nossas relações e experiências com e nos lugares, ao longo da nossa existência, da nossa vida” (Portugal, 2013, p. 228).

Assim, tomando por base o método (auto)biográfico, objetivei lembrar de forma reflexiva a minha trajetória enquanto estudante indígena, na busca de elementos que me ajudem a refletir sobre minha formação docente.

2. A EDUCAÇÃO NO TERRITÓRIO OCOY EM SÃO MIGUEL DO IGUAÇU/PR

Para entender o ato de EDUCAR na cultura dos povos indígenas, é necessário antes de tudo, conforme discutido por Freire (1978), a adoção de uma práxis libertadora para ‘descolonizar as mentes’, por meio do reconhecimento e legitimação dos saberes culturais desse povo. Para o referido autor, trata-se de reconhecer a condição de SER dos povos indígenas e que o saber e a história devem emanar deles mesmos, valorizando assim o que lhes foi negado pela modernidade ocidental.

Educação para nós é no sentido amplo das relações entre seres humanos e demais seres presentes na Terra, incluso o planeta. Nas palavras de Krenak (2020, p. 13-14), é partir de uma outra cosmovisão, que traz a ideia central de que “[...] nós humanos [não] somos separados dessa entidade, a natureza”, educar-se “[...] não é você incidir sobre o corpo da Terra, mas é você estar equalizado com o corpo da Terra, viver, com inteligência, nesse organismo que também é inteligente, fazendo essa dança”. É neste sentido que optei por trazer nesta parte do texto a Educação a partir da nossa cultura Avá Guarani, no território Ocoy, tendo por base a história vivida por nós e a memória oral.

A minha experiência no coletivo do Ocoy e também os diálogos que tenho realizado

com os mais velhos da comunidade, revelam formas de pensar a educação desde a infância, em uma perspectiva de que não somos separados dos demais seres da natureza. Isso porque a criança indígena é educada a conviver com as pessoas e vivenciar o ambiente de forma integralizada, de modo que a criança mesmo se perceba como parte do ambiente, explorando - o minuciosamente para que possa conviver de uma forma integradora e humanizada.

Na sociedade indígena, a educação que a criança recebe da sua comunidade é que o material ou tudo que ela precisa para viver está na própria natureza. Ela aprende a partir daquilo que ele está vendo, aquilo que ela explora e também utilizam. Isso porque a educação indígena não é algo que ocorre de uma vez, mas sim um processo. Entre os povos indígenas a criança ela é apenas uma criança, não pode se outra coisa, não pode ter preocupação em ser adulto ou querer ser um adulto, cabe a ela a convivência extremamente aquele momento que está vivendo (Diário de Campo, 2024).

Na comunidade indígena, a criança participa de todos os espaços, porque para nós tudo é educativo desde as ações individuais até aquelas realizadas como um todo na sociedade indígena. Então, nesse sentido, entendemos que:

- ❖ Os pais são guardiões e protetores de todos, estando a todo momento cuidando da criança, seja durante as tarefas seja nos momentos de lazer;
- ❖ O cacique que o líder da comunidade tem a preocupação também em educar;
- ❖ O sábio que é o Líder religioso tem a mesma preocupação da criança na educação na saúde;
- ❖ Tio e tia têm a mesma preocupação, de educar os sobrinhos/as;
- ❖ Irmãos maiores que cuidam tem a mesma preocupação pela criança (Diário de Campo, 2024).

Todo/as no território indígena estão todos sempre observando o que as crianças estão fazendo no ambiente, ajudando assim a educar. Há momentos considerados coletivos em termos de envolver as crianças. Um deles seriam a conversa no entorno da fogueira, que o sábio senta e conta histórias (Mombe'u yma) ao redor de um fogo para as crianças, elas ficam em círculo ouvindo atentamente a história do sábio, em um momento de atenção, concentração e conhecimento (Diário de Campo, 2024).

Outra estratégia educativa consiste no ato da mãe chamar o filho, colocá-lo no colo para catar piolho. No fundo a mãe objetiva dar um bom conselho dizendo como ela deve ser, como ela deve brincar e ao mesmo tempo faz um carinho bem gostoso no/a filho/a. Nesse momento

a mãe está exercendo o papel de educadora porque na cultura é uma forma de ser ensinado com calma e carinho. Há também os momentos das práticas, nos quais os pais levam as crianças para pescar, elas aprendem a pescar ao observar como os adultos pescam e aos poucos vão praticado. Esses são momentos de alegria das crianças e ao mesmo tempo de aprendizado (Diário de Campo, 2024).

Além desses momentos, a criança indígena precisa de espaço para brincar e assim crescer de forma saudável mentalmente e fisicamente. E os jogos indígenas têm sido estratégias fundamentais nesse processo (figura 2).

Figura 2. Em destaque brincadeiras realizadas com as crianças indígenas no território Ocoy



Foto: A autora, 2024.

As brincadeiras mãos praticada no território Ocoy são: Peteca, Arrancar a mandioca, Corrida do Saci e Olha Jeka (quadro 1).

Quadro 1. Brincadeiras realizadas durante a infância no território Ocoy

Brincadeira da Peteca	Brincadeira de Arrancar a Mandioca
A peteca tradicionalmente é confeccionada com palha seca de milho e penas naturais de aves. De origem indígena-brasileira, a peteca, do tupi Pé teka, significa “bater com as mãos, golpear”. O objetivo é tocar na peteca e não deixá-la cair no chão. Se isso acontecer, a pessoa que deixou cair fica fora de jogo. Assim, ganha quem conseguir tocar e não deixar cair no chão durante a partida.	Uma criança se senta no chão e agarra um tronco ou poste com os dois braços. Esse será a primeira mata da mandioca e as outras se seguram às crianças da frente da mesma maneira, enfileiradas. O desafio é que uma das crianças, de pé, tente arrancar todas as mandiocas, esse será o dono da roça, isto é, os outros jogadores, de sua posição. Aqui, vale tudo: força, estratégia e até cócegas.
Corrida do saci	Olha jeka: Panela quebrada

<p>Número de participantes: 2 no mínimo Objetivos: alcançar a linha de chegada corrida do Saci é uma brincadeira de apostar corrida, divertida que estimula a coordenação e o equilíbrio de resistência força e desafia os jogadores a atravessarem um trecho demarcado em um pé só. Ganha quem for mais longe sem usar os dois pés e sem trocar de perna no meio do caminho!</p>	<p>Objetivo: Essa brincadeira muito divertida que estimula a coordenação e o equilíbrio de resistência força e desafia os jogadores a atravessarem um trecho e deixar a panela sem quebrar. Uma criança se abaixa e coloca os braços entre as pernas e outra duas crianças segura pelos braços de cada lado e leva como uma panela de duas alças. Colocar com cuidado no chão, se a criança cair sentada e quebrar a panela.</p>
---	--

Fonte: Diário de Campo, 2024. Org. A autora, 2025.

Essa convivência com a família, familiares e demais sujeitos indígenas contribui para a educação da criança em um sentido amplo, preparando-a também para o momento da escolarização.

3. A TERRA INDÍGENA E A ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA TEKÓ NEMOINGO: VIVÊNCIAS CONSTRUÍDAS

3.1 MINHA TERRA INDÍGENA TEKÓHA OCOY

A história oral é algo muito presente na nossa cultura indígena, é por meio dela que os mais velhos ensinam e educam os mais novos. E como minha formação ocorreu (e ainda ocorre) em meio as palavras proferidas pelos mais sábios que convivo no território de Ocoy, recorri às minhas lembranças das histórias ouvidas e busquei junto aos indígenas mais velhos detalhes que não lembrava ou não sabia ainda sobre nossa história.

Localizada em São Miguel do Iguçu, no oeste do Paraná, a Terra Indígena Tekohá Ocoy pertence ao povo Guarani. A palavra “Tekohá” em Guarani significa “lugar de viver”, enfatizando a forte conexão da aldeia com a cultura, as tradições e o ambiente natural.

A Aldeia Tekohá Ocoy está situada em uma área pequena próxima a rio Paraná, sendo a terra e as águas fundamentais para a subsistência dessa comunidade indígena. Esta localização o abastecimento das famílias com alimentos e outros recursos fundamentais a sobrevivência, como também é sagrada para os Guarani, que veem a terra como parte integrante de sua identidade.

A população indígena antes morava na aldeia de Jacutinga ‘Tekoha’, que foi inundada pela construção da hidrelétrica de Itaipu, por isso as famílias indígenas mudaram para o Município de São Miguel do Iguçu no ano de 1982.

Em conversa com indígenas mais velhos, aprendi que antes da construção da ITAIPU tudo era diferente, Jacutinga era um espaço ou ambiente muito lindo, cheio de mata, com rios e nascentes, onde se praticava a cultura, os modos tradicionais, devido a existência de imensas matas. Os indígenas podiam caçar e desfrutar da carne de caça, e a pesca também era praticada quase todos os dias (Diário de Campo, 2024).

Os indígenas mais velhos que faziam parte desse ‘Tekoha¹’ (em Avá guarani é um conceito que pode remeter a território, aldeia, comunidade) na época, comentam que os indígenas do Paraguai os ‘rováigua’ (que significa do outro lado do Rio Paraná), se deslocavam de canoa e ficavam três ou mais dias para praticar o ritual na casa de reza (opy). E, que nesses dias de festa e espiritualidade, faziam a bebida sagrada, assavam batata doce e colocava no cesto para esfriar e depois comerem. Muitas vezes os ‘rováigua’ traziam carne de caça e as pessoas das ‘Tekohas’ pescavam peixe para fazer a troca do pescado com carne de caça, uma prática de troca chamada de ‘Jopói’ onde se pode fazer troca de comida ou de artesanato ou até mesmo ajudar a quem necessitava de comida, roupa etc. Assim se vivia no período anterior a construção da Usina hidrelétrica (Diário de Campo, 2024).

E como ficaram os Avás Guaranis após serem obrigados a deixar a Tekoha? Segundo os indígenas que dialoguei, eles sofreram muito, pois além de serem destruídos economicamente e culturalmente, foram afetados psicologicamente e emocionalmente. Esses grupos, além de perder as terras, perderam cultura, perderam os objetos tradicionais e tiveram que deixar o cemitério embaixo da água. E, diante de tantas perdas, ver os entes queridos embaixo da água e deixados para traz foi a maior dor (Diário de Campo, 2024).

Anteriormente a invasão europeia, toda a América Latina o lugar era cheio de mata, os indígenas viviam livremente em toda a América, não existia fronteiras para os indígenas, não existia indígena do Paraguai ou da Argentina ou do Brasil, foram os não indígenas que criaram a fronteira e limites.

Atualmente a população da terra indígena Tekoha Ocoy é formada de 198 famílias, totalizando 900 pessoas, sendo aproximadamente 405 crianças de 0 a 6 anos de idade. Essas crianças estudam na escola que fica dentro da comunidade, que até 2024 havia 25 turmas e cerca de 405 alunos matriculados até o Ensino Médio de acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola no território Ocoy. Além da escola, na terra indígena também tem o posto de saúde. Os demais equipamentos ou espaços públicos estão diretamente relacionados a cultura Guarani, sendo a Casa de Reza, Campo de futebol e Casa de artesanato.

¹ Um lugar onde somos o que somos! (Gilmar Chamorro, 2025).

A comunidade indígena sobrevive da agricultura familiar, do comércio de artesanatos e plantam mandioca, milho, amendoim e batata-doce, criam galinha e pescam. Algumas famílias vendem parte de sua produção. Como nem todos os indígenas conseguem sobreviver da agricultura, alguns tornaram-se professores, agentes de saúde e diaristas. Outros trabalham em frigoríficos na região Oeste do Paraná e também tem os idosos já aposentados.

A cultura Guarani é vibrante e se manifesta em diversas práticas, incluindo danças, cantos, rituais e a produção de artesanato. As tradições orais são uma parte fundamental da vida comunitária, com anciãos transmitindo histórias e ensinamentos para as novas gerações. A língua Guarani é amplamente falada, refletindo a identidade e a resistência cultural da aldeia.

A educação na Terra Indígena Tekohá Ocoy prioriza a integração do saber tradicional e saber ensinado nas escolas formais. Há esforços para desenvolver uma educação bilíngue que respeite a cultura local, valorizando a língua e a história Guarani, enquanto também prepara os jovens para interagir com o mundo não indígena.

Consideramos o Ocoy um espaço de resistência cultural e identidade, onde tradições ancestrais são mantidas vivas e há equilíbrio com a natureza. A comunidade exemplifica a importância da educação e do fortalecimento dos laços sociais para a preservação de sua cultura em um mundo em constante mudança.

3.2 MINHA HISTÓRIA NA TERRA INDÍGENA TEKOKHA OCOY: DA INFÂNCIA AOS TEMPOS DE ESCOLARIZAÇÃO

Meu nome é Elma Julia Tataendy Martines e sou natural da Terra Indígena Tekoha Ocoy, desde 2001 quando nasci. Sou filha de Delmira de Almeida Peres e Luiz Mbaraka Miri Martines, tenho 3 irmãos. Meus pais trabalham na própria terra indígena, em São Miguel do Iguaçu-PR.

Desde que nasci, sempre vivi na Terra Indígena. A cultura e as tradições do meu povo são parte essencial da minha identidade. A educação é um aspecto fundamental da minha trajetória, e concluí meu ensino médio na nossa escola local, a escola Estadual Indígena Teko Ñemoingo.

Na infância fui aprendendo com minha família. Desde pequena já via meus pais fazerem as tarefas de casa, como por exemplo meu pai faziam as casas de madeira e nós (filhos) ajudávamos com os materiais que precisava. Minha mãe ficava com tarefas domésticas. Aprendíamos com eles como ajudar nas tarefas cotidianas em casa e na casa de minha avó. Mas também havia muitos momentos de diversão e brincadeiras.

Assim que eu terminar os deveres em minha casa, ia para a casa da minha avó e brincava

com meus primos/as. Brincávamos com jogos que os adultos nos ensinavam, como de peteca, que era feita de palhas de milho. Lembro que íamos até a roça buscar o milho para avó para fazer a sopa de milho e depois ela nos ensinava a fazer a peteca para brincar junto. Sempre nas brincadeiras indígena estávamos todos juntos, não tinha ninguém que não ficava de fora. E se a brincadeira já ficasse entediante, já decidíamos ir para o lago tomar banho íamos todos juntos, primos e primas, quem sabia nadar ensinava os outro a nadar.

Quando anoitecia minha avó fazia um salgado chamado chipa², que nosso povo aprendeu com os indígenas antepassados. Enquanto minha avó fazia o salgado, ia nos ensinando os ingredientes e após sovar, pegávamos nas mãos e fazíamos um círculo com a massa para em seguida fritar. Depois de tudo pronto, nos sentávamos ao seu redor e ouvíamos histórias indígenas que aconteceram no passado, pois nós acreditamos que tudo foi acontecimento real e não chamamos de lendas como o não indígena faz. Ouvíamos histórias sobre a água, o sol, a floresta, mas minha avó sempre reforçava que todos os seres e elementos da natureza tem seus donos e tudo que fossemos tocar tínhamos que pedir permissão a eles. Com a permissão podemos pegar, tocar e agradecer também algumas coisas dadas pela natureza. As histórias nos ensinaram a ter respeito pela natureza e que tudo para nós indígenas é sagrado.

Fui educada em um processo envolvente e divertido nas brincadeiras indígenas. Muitas vezes, aprendi com os meus pais e familiares, que me ensinavam por meio de histórias indígenas, brincadeiras e atividades do dia a dia. Eles usavam jogos, músicas e cantos conversas informais para tornar o aprendizado mais divertido.

Em se tratando da escola não indígena, no passado, a escolarização em nossa aldeia era bastante limitada. A educação formal se estendia apenas até o quinto ano. Após isso, era necessário ir para a cidade para continuar os estudos, o que trazia muitos desafios. Enfrentávamos dificuldades como a falta de materiais escolares, uniformes e a escassez de transporte, o que tornava a continuidade da educação complicada.

A criação do Colégio Estadual Indígena Teko Ñemoingo foi um marco para nossa comunidade. Agora, temos a oportunidade de estudar desde os anos iniciais até o terceiro ano do ensino médio na própria aldeia, o que facilita o acesso à educação e valoriza nossa cultura. Junto com os caciques, reunimos esforços com professores e lideranças comunitárias para conseguir a construção de mais salas de aulas aqui, que agora ofertam o ensino até o ensino médio.

² Chipa é um salgado semelhante ao pão de queijo, típico da culinária paraguaia.

Comecei minha jornada educacional na aldeia com 4 ou 5 anos; fui alfabetizada no pré I e II em português e em nossa língua materna. Minha tia foi minha professora, ensinando-nos em português e na língua materna.

A alfabetização na minha língua materna e na não indígena ocorreu, portanto, em um ambiente escolar. As aulas eram compostas por atividades de desenhos e brincadeiras indígenas, nas quais aprendíamos as letras do alfabeto por meio de músicas e desenhos. Os professores eram não indígenas e indígenas incentivadores, utilizando livros ilustrados e jogos educativos para ensinar conforme a nossa realidade.

O processo de continuidade da alfabetização no Ensino Fundamental I aprofundou no reconhecimento das letras, seguido pela formação de palavras. As leituras e voz alta eram comuns e ajudavam a desenvolver a minha compreensão. Lembro-me de momentos em que a classe se reunia para contar histórias, o que tornava a aprendizagem mais interativa. Cada conquista, como ler uma frase ou escrever uma palavra corretamente, era celebrada, o que tornava o processo motivador.

Nos anos iniciais, os professores eram não indígenas, mas tentavam incluir a língua indígena no currículo. Lembro que todas as aulas eram sempre na língua portuguesa, brincávamos muito, as professoras eram muito boas, fazíamos desenho, coloríamos vários desenhos.

O que dificultava o meu aprendizado era o fato de não entender muito bem a língua portuguesa e sempre havia dúvidas no momento de me comunicar com as professoras, e por não me expressar bem na língua portuguesa sempre fazia o que estava no quadro. Isso sempre gerou um pensamento questionador em mim: como uma criança que não conhece uma língua nova foi colocada em uma sala com uma professora não indígena? Era muito difícil para mim e ficava muito confusa nos momentos de fazer as atividades. A saída que encontrava era olhar os outros e tentava fazer igual, mas muitas vezes fazia somente por fazer, sem compreender.

No Ensino Fundamental II (6 ao 9 ano) foi na escola indígena, pois já havia abrigo às turmas na aldeia e já havia quantidade de estudantes suficiente para abrir as turmas. Esse ambiente escolar era especial, pois não só enfatizava a língua materna e as tradições da nossa cultura, mas também integrava conteúdo da educação formal.

A abordagem educacional era bastante enriquecedora. As aulas misturavam o aprendizado de disciplinas tradicionais, como matemática, ciências e história, com o respeito e a valorização das nossas práticas culturais. Tínhamos os “saberes ancestrais” integrados ao currículo, o que me permitiu entender mais sobre minha herança e a importância de preservá-la. As atividades práticas, como oficinas de arte, música e histórias orais, eram comuns e

reforçavam a conexão com a nossa cultura. Havia também momentos de discussão sobre as interações com o mundo fora da nossa comunidade, abordando temas como cidadania, direitos e a importância do diálogo cultural. Essas experiências fortaleceram minha identidade e me prepararam para viver em um mundo que é cada vez mais interconectado, ao mesmo tempo em que me permitiram valorizar e praticar as tradições da minha ancestralidade.

Sentia enquanto aluna que os professores tentavam adaptar os conteúdos à nossa realidade para facilitar nosso aprendizado, sendo algumas práticas eram parecidas com a educação não indígena. O desafio era conseguir encontrar um equilíbrio entre as duas realidades.

No Ensino Médio, diferentemente do que havia vivenciado até então, as aulas eram excessivamente tradicionais. No Ensino Médio, não tínhamos espaço para opinião própria; éramos ensinados principalmente para conviver com a sociedade. As aulas sempre reforçavam a importância de se preparar para o mercado de trabalho. A exceção foi uma professora que nos ensinava a ter opinião própria e a conviver como indígenas na sociedade, mostrando que tínhamos a mesma capacidade dos não indígenas.

Ainda sobre o aprendizado no período escolar, lembro que muito do que era ensinado estava centrado no mercado de trabalho. Nos era dito que tínhamos que sempre estudar e terminar o ensino médio para ter emprego na cidade.

Conforme o tempo foi passando, fui entendendo que esse ensino voltado para o mercado de trabalho trazia consigo a ideia de que um indígena ao terminar o ensino básico, deveria sair da aldeia para trabalhar. E, que, os professores nas aulas ao enfocarem tanto as necessidades de aprendermos a nos comunicar com não indígenas e aprender como viver com eles na cidade, esqueceram que nós éramos indígenas e que tínhamos dificuldades mesmo na nossa própria língua materna. Ou seja, a nossa alfabetização ao ter o ensino em língua portuguesa e língua materna, sem o olhar pedagógico para as especificidades de cada alfabetização em um contexto indígena, acabou não resultando em um aprendizado qualitativo e ficou muito claro que nenhuma das duas formas de comunicação foi apreendida de fato por mim, pois avancei ano a ano na escola, em meio a mistura de línguas, sempre com muita dificuldade nas disciplinas. Além disso, ao se preocuparem a ensinar a viver na sociedade não indígena, também esqueceram de reforçar para o aluno indígena que ele é uma pessoa indígena que deve valorizar os seus conhecimentos, e que vivemos em uma sociedade ainda pautada no preconceito para com os povos indígenas e, portanto, despreparada para recebê-lo e que a vida na cidade pode ser cruel ao ponto de fazer com que estudantes desistam da universidade ou que não consigam se manter no trabalho não indígena.

A escola ficava distante de onde eu morava, do outro lado do lago, e dependíamos do clima para ir, pois quando chovia o transporte não funcionava. Lembro que eu e meus colegas combinávamos a hora de sair, para que não nos perdêssemos, e íamos a pé juntos.

O transporte escolar melhorou com o esforço da comunidade, que conseguiu garantir que as crianças não perdessem as aulas. A escola tinha uma estrutura razoável, com mesas, carteiras e quadros, mas ainda carece de uma quadra, pois a prefeitura argumenta que é protegida.

A diretora da escola, não indígena, era rígida em relação à permanência dos alunos dentro da sala de aula. No primeiro ano do ensino médio, começou a haver uma maior presença de professores indígenas, e isso trouxe mudanças positivas na educação.

Apesar das dificuldades e de trocas constantes de professores, alguns docentes se mantiveram na escola, e uma professora de Geografia que me ensinou do quinto ano até o Ensino Médio permanece até hoje. A educação indígena é diferenciada, e percebo que os alunos têm mais dificuldade com o português, mesmo sendo alfabetizados.

Com o tempo, percebi a importância da educação e do aprendizado. Comecei a entender que não precisava me adaptar somente ao sistema não indígena, mas que eu tinha capacidades e habilidades próprias. Atingir um nível de formação na faculdade se tornou um objetivo, mas muitos indígenas enfrentam dificuldades para seguir em frente devido à pressão para se adequar.

Atualmente, com a chegada de professores indígena e consolidação de uma proposta de ensino diferenciada, a percepção sobre a educação mudou. Senti que ganhei autonomia e liberdade para expressar minhas opiniões e pensamentos. A professora de sociologia me incentivou a pensar de maneira diferente e a acreditar que não precisava sair da aldeia para ter sucesso. A necessidade de adaptação ainda está presente, mas percebo que, com o apoio dos meus pais, que são professores, consegui superar muitas dificuldades. Existe um desafio em relação ao ensino de palavras formais e a sua aplicação no cotidiano. Na faculdade, percebi que algumas palavras formais apresentavam dificuldade, pois não haviam sido trabalhadas na escola.

Viver e estudar na Aldeia Tekoha Ocoy tem sido uma experiência enriquecedora. A educação é uma ferramenta poderosa para o empoderamento da nossa comunidade e para a preservação das nossas tradições. Agradeço a oportunidade de compartilhar um pouco da minha história e da importância da educação para nós.

Apesar das adversidades, agradeço aos meus pais e aos professores que foram fundamentais em minha trajetória educacional. O suporte deles foi crucial para que eu

superasse os desafios.

Sair da aldeia e trazer conhecimento é algo que penso em fazer. Quero seguir como professora e ensinar aos meus alunos sobre a nossa realidade e a realidade dos não indígenas. Isso é importante, pois os indígenas que vão para a cidade muitas vezes não conseguem entender a cultura não indígena.

É uma preocupação muito grande a de ensinar meus alunos sobre a educação indígena e a educação não indígena. Eu ensino os dois pois experienciei essa dificuldade. Meus professores antigos ensinavam apenas sobre a realidade indígena, mas esqueciam de ensinar sobre a realidade não indígena.

A partir disso, decidi me esforçar para sair da aldeia, ir até a faculdade e trazer o conhecimento de volta para a nossa comunidade. Assim, ensino tanto a língua materna indígena quanto a adaptação à cultura não indígena, tentando intercalar entre elas.

Aprendi muito com meus professores e até hoje me lembro deles. Uma das professoras que mais me inspirou foi a de Geografia, que me incentivou a escolher esse curso. Ela nos mostrava a nossa realidade e também a dos não indígenas, o que me ajudou muito na faculdade.

Apesar de todo o apoio que recebi, ainda existem algumas palavras que não entendo e preciso pesquisar no dicionário. Essa facilitação de materiais, como acesso à informática, também tem sido um grande auxílio para mim.

3.3 A MINHA VIVÊNCIA COMO PROFESSORA DE ALFABETIZAÇÃO NA LÍNGUA MÃE E NO 6 ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Desde jovem, sempre tive uma grande preocupação com o ensino e a forma como as culturas e as línguas são transmitidas às novas gerações. Essa reflexão me leva a perceber a importância não apenas do domínio da língua materna, mas do entendimento profundo do que ela representa. A língua indígena não deve ser vista apenas como mais uma disciplina no currículo escolar, mas sim como uma ferramenta vital de resistência cultural, identidade e conexão com as raízes.

Infelizmente, muitas vezes nas escolas indígenas a língua indígena é tratada como uma matéria com menos valor em relação a outras disciplinas. Essa visão reducionista ignora o papel essencial que a língua desempenha na formação da identidade de uma pessoa. Para os povos indígenas, dominar sua língua materna significa muito mais do que aprender a ler e escrever; trata-se de entender a sua cultura, a sua história e a sua maneira de ver o mundo. Isso inclui o conhecimento sobre as tradições ancestrais, como a fabricação de artesanatos, danças,

festas e rituais que são parte integrante da vivência da comunidade.

Como professora de língua materna, sinto a responsabilidade de transmitir não apenas o conteúdo linguístico, mas também os valores culturais que sustentam nossa identidade. É fundamental que os alunos compreendam quem são, que se sintam orgulhosos de sua herança e que carreguem esse conhecimento adiante. O ensino da língua indígena deve ser holístico, abrangendo aspectos não apenas acadêmicos, mas também espirituais e emocionais, reforçando a conexão com lugares sagrados, como o OPY (termo que indica casa de reza e espaço de diálogo com nossos deuses) e como ÑANDERU.

Ensiná-los sobre a importância desses lugares, bem como a prática do canto e das tradições orais, é fundamental para que nunca esqueçam suas raízes. A oralidade foi o meio pelo qual nossos antepassados transmitiram seu saber, e muitas dessas histórias e ensinamentos foram perdidos ao longo do tempo. Por isso, é vital que hoje utilizemos recursos como livros, anotações e registros, permitindo que os alunos possam ouvir, escrever e refletir sobre o que aprendem. Isso não apenas valida o conhecimento ancestral, mas também empodera as crianças para que participem ativamente na preservação de sua cultura.

Quando os alunos compreendem a relevância de sua língua e cultura, eles se tornam agentes de mudança dentro de suas comunidades. Eles aprendem a importância de se comunicar com respeito, conhecendo as particularidades de seus modos de vida e valores. Dessa forma, um educador não é apenas um transmissor de conhecimento, ele se torna um guardião de culturas, um mediador entre as tradições do passado e as novas gerações.

Assim, meu papel como educadora é garantir que nossas tradições continuem a prosperar nas mentes e corações das crianças, proporcionando a elas não só as ferramentas para a leitura e escrita, mas também uma rica compreensão de sua identidade. As aulas de alfabetização em língua materna envolvem muito da realidade vivenciada no território Ocoy, como por exemplo, produção de colares (figura 3).

Figura 3. Em destaque atividade de construção de colar com as crianças da alfabetização



Foto: A autora, 2024.

Essa jornada de aprendizado deve ser uma colaboração entre a escola e a comunidade, onde os pais e avós sempre têm um papel crucial. Juntos, formamos uma rede de suporte que garante que o conhecimento e a cultura indígena não se percam, mas continuem a ser um poderoso legado.

A preservação da língua e da cultura indígenas é uma responsabilidade coletiva, e é minha missão como professora contribuir para que essa herança não apenas sobrevive, mas floresce nas vidas das futuras gerações também.

A experiência com professora indígena ao dar aula em uma escola indígena é marcada por uma profunda conexão de cada um a sua identidade e cultura. Ao entrar na escola, o aluno sente uma mistura de orgulho e tranquilidade, pois terá aulas com uma professora indígena. Dentro da sala aula cada atividade é realizada repleta de significados e ensinamentos que ressoam com seus entendimentos (JEIKUA`A MBA`E REPA OJE`E HA MBA`EPA).

Nas aulas de língua materna procuro deixar o ambiente acolhedor e trabalho com as histórias e hábitos da comunidade Ocoy. O aluno é incentivado a expressar sua língua materna primeiro e depois se em português, que é fundamental para fortalecer sua identidade cultural na linguagem. A felicidade surge quando eles percebem que suas histórias e tradições são reconhecidas e valorizadas por eles próprias independente de quem seja . É ali que eles aprendem sobre os costumes e realidade, criando um espaço de pertencimento e respeito ao outro.

Quando se trata de ensinar Geografia, busco trabalhar com conhecimentos indígenas e não indígenas apreendidos na faculdade de Geografia. Para trabalhar localização utilizo primeiramente as histórias contadas por minha avó Irma Takua Nhendu Almeida (JARÝI), sobre como os indígenas se localizavam nas florestas. E também ensino que outra forma de localização é o pôr do sol e o nascer do sol, como para se localizar nas direções leste, oeste, sul, norte (em língua portuguesa) mas, que para os indígenas eram chamados de outro nome Leste: kuarahy Resêgotyo, Oeste: Kuarahy reikegotyo, Norte: Kuarahy mbyte Yvateokotyo, Sul: kuarahy mbyte yguytyo. Esse tipo de localização conta a sábia Irma era usado bastante para localizar os outros Tekohas (Comunidade) de outra etnia e também de outras Tekohas (Comunidade) da mesma etnia.

Ainda em se tratando de localização, outra localização de antigamente também era as estrelas como, por exemplo: Cruzeiro do sul (mbyja Ko`ê) ela conta que quando os caçadores em certas temporadas de caça esperavam essa estrela aparecer para dar o início da jornada da caça de certos animais e que muitas vezes segue a direção dessa estrela mata adentro para ter uma boa caça. Outro sinal de localização que eles usavam antigamente conta a sábia Irma que

muitas vezes as mulheres iam para a roça trazer mandioca, milho verde etc.; como antigamente as roças eram muito longes, as mulheres iam um dia inteiro na roça; e muitas vezes os homens já tinha ido pescar quando as mulheres chegavam em casa os homens já tinha ido na pesca, mas para deixar o aviso, os homens faziam o desenho de água e peixe em qualquer poste da casa com carvão, avisando que eles foram na pesca. Se for só em um riozinho eles faziam um desenho do rio bem estreito e pequenos peixinhos; se for, por exemplo, no Rio Paraná eles faziam um rio bem maior e peixes grandes.

Ao utilizar inúmeras histórias produzidas e reproduzidas oralmente na comunidade indígena, o contexto de sala de aula se torna ainda mais enriquecedor para trabalhar a localização.

O professor sendo indígena pode incorporar elementos da cultura local e da vivência dos alunos em suas aulas, tornando o aprendizado mais significativo e visível aos olhos. Ao discutir a geografia do local onde vivem com eles, podem ser trabalhadas as características do território, os rios, montanhas e florestas, os alunos não só aprendem sobre o espaço físico, mas também sobre a relação espiritual e cultural que suas comunidades têm com a terra e natureza.

Há momentos que realizamos trabalhos de campo no próprio território indígena, para explorar a biodiversidade local, ajudando-os a perceber como suas práticas tradicionais estão interligadas com o meio ambiente como da aldeia e da cidade. Ao observar esta relação entre os seres humanos e a natureza, compreendem que seus conhecimentos ancestrais têm um valor enorme e que sua voz é importante nas discussões sobre o planejamento e a preservação do território em que vivemos e viveremos.

As aulas de geografia ainda abarcam atividades como a confecção de mapas que representem os espaços não indígenas, mas também indígenas, representando áreas de prática tradicional, como plantações, locais sagrados e áreas de caça. Isso não só aproxima os alunos ao conteúdo estudado como fortalece a prática de contar histórias, um aspecto essencial da cultura indígena.

Durante as aulas, a felicidade é visível nos rostos dos alunos quando compartilham suas experiências e aprendem com os outros. Acredito a partir de minha experiência, que o ambiente da escola colaborativo e o respeito mútuo cria uma experiência educacional rica e significativa indígena e não indígena. Assim, a escola indígena se transforma em um lugar onde a geografia não é apenas um estudo do espaço lugar ou território distante do indígena, mas um conhecimento com potencial de conectar passado e presente, velando assim o futuro, ao respeitar e valorizar a sabedoria.

Acredito que sendo a escola, um lugar que é como uma segunda casa, a experiência

como uma indígena na escola indígena é uma celebração uma vitória da identidade cultural e do aprendizado. É um espaço onde a felicidade se entrelaça aos meus conhecimentos para poder trabalhar junto aos meus alunos como o conhecimento não indígena, no caso a geografia se torna uma ferramenta poderosa para entender e respeitar não apenas a Terra, mas também as histórias e experiências que moldam a vida de cada aluno. A educação se transforma em um ato de resistência e valorização, permitindo que os estudantes construam um futuro no qual seus saberes sejam ouvidos e respeitados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término dessa pesquisa, consigo afirmar que a minha formação como professora encontra-se permeada por diferentes saberes e experiências. Respeitando a ordem temporal de construção do meu SER no mundo, posso dizer que primeiramente destaco os aprendizados cotidianos, na fase da infância, adolescência e juventude, ao dividir momentos com minha família e os demais indígenas do território Ocoy. Minhas práticas espaciais cotidianas carregam muitos do que aprendi no decorrer de minha vida como indígena.

Em segundo lugar, destaco os conhecimentos aprendidos no período de escolarização no ensino básico, quando ao frequentar aulas com professores indígenas e não indígenas, pude além de aprender conhecimentos científicos e conhecimentos tradicionais, ir construção a ideia do que era necessário para ser uma professora Avá Guarani.

E, não menos importante, em terceiro lugar, destaco a minha inserção na universidade, momento no qual pude aprender conhecimentos científicos do campo da Geografia e de outras áreas e, principalmente, aprendi a ocupar um espaço permeado de possibilidades e desafios, não experimentado até então.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.p. 58.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné Bissau**: registros de uma experiência em processo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PORTUGAL, Jussara Fraga. **“Quem é da roça é formiga!”**: histórias de vida, itinerâncias formativas e profissionais de professores de Geografia de escolas rurais. 2013. 352 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc. Departamento de Educação. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2013.

SILVA DE JESUS, Renata da.; MOURA, Terciana Vidal. Autobiografia e saberes docentes: refletindo sobre a formação. **Anais VII CIPA...** VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica UFMT – Cuiabá – 17 a 20/07/2016.

KRENAK, Ailton. **Caminhos para a cultura do Bem Viver Organização de Bruno Maia**. Brasil: Cultura do Bem Viver, 2020. (eBook).